

Canções da Ditadura: aula audição, cultura histórica e cultura juvenil

Luciano de Azambuja¹
lucianodeazambuja@gmail.com
Instituto Federal de Santa Catarina

Resumo

O trabalho visa refletir sobre as apropriações e usos da canção popular fonográfica nos processos de ensino e aprendizagem histórica acerca do conceito histórico substantivo Ditadura Militar Brasileira (1964-1985). Trata-se de um dos instrumentos de investigação do estudo principal da tese de doutorado em Educação sobre a aprendizagem histórica de jovens alunos a partir da canção popular (AZAMBUJA, 2013). *Aula Audição* consiste na escolha, audição e defesa oral por parte dos alunos de uma música do seu gosto musical que pode ser usada em uma aula de História. O trabalho visa refletir sobre a oscilação do jogo de pêndulos entre a cultura histórica escolar e a cultura juvenil primeira dos alunos por meio das leituras, escutas, falas e escrituras de protonarrativas das canções *Caminhando* (1968), de Geraldo Vandré, e *Geração Coca Cola* (1985), de Renato Russo. A escolha da *fonte canção* a ser usada em uma aula de história pode tentar equilibrar o gosto estético-musical dos alunos com os interesses didáticos e epistemológicos de uma aprendizagem histórica situada na Ciência da História (RÜSEN, 2001; SCHMIDT, BARCA, 2009).

Palavras-chave: Canção popular. Aprendizagem histórica. Ditadura militar brasileira.

Abstract

The work aims to reflect on the appropriations and uses of popular song in the processes of teaching and learning about historical concept of Brazilian Military Dictatorship (1964-1985). This is one of the research tools of the doctoral thesis in education on the historical learning of young students from the popular song (AZAMBUJA, 2013). *Listening Lesson* consists in choosing, listening and oral defense by students of a song of your musical taste that can be used in a History class. The work aims to reflect on the oscillation between the historical school culture and youth culture first through the readings, tapping, speeches and writings of the protonarrative songs *Caminhando* (1968), Geraldo Vandré, and *Geração Coca-Cola* (1985), by Renato Russo. The choice of the source song to be used in a history class can try to balance the aesthetic and musical tastes of students with didactic and epistemological interests of a historical situated learning in Science History (Rüsen, 2001; SCHMIDT, BARCA, 2009).

Keywords: Popular song. Historical learning. Brazilian military dictatorship.

1. Interesses e ideias

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná; professor de História do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Florianópolis Continente. Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da UFPR (LAPEDUH).

No ano em que comemoramos os cinquenta anos do Golpe Militar de 1964 à luz do tempo presente, o trabalho intenciona refletir sobre as apropriações e usos da canção popular fonográfica como fonte histórica nos processos de ensino e aprendizagem histórica acerca do conceito histórico substantivo *Ditadura Militar Brasileira*. A partir das perspectivas metodológicas e princípios epistemológicos engendrados na tese de doutorado em Educação Histórica, intitulada *Jovens alunos e aprendizagem histórica: perspectivas a partir da canção popular* (AZAMBUJA, 2013), e mais especificamente, do terceiro instrumento de investigação do estudo principal, *Aula Audição*, o trabalho visa refletir sobre a oscilação do jogo de pêndulos entre a *cultura histórica escolar* e a *cultura juvenil primeira* no estudo de caso brasileiro, por meio das leituras, escutas, falas e escrituras acerca das canções *Caminhando* (1968), de Geraldo Vandré, e *Geração Coca Cola* (1985), de Renato Russo. A intencionalidade da reflexão é possibilitar escolhas de músicas por parte dos jovens alunos que partem dos seus gostos estéticos musicais, ao mesmo tempo em que contemplam as demandas didáticas e epistemológicas de uma Aula de História focada na aprendizagem do aluno.

Na tripla perspectiva do campo da *educação histórica* que investiga a consciência histórica de sujeitos e a cultura histórica de artefatos em situações de ensino e aprendizagem histórica; da *cognição histórica situada* (SCHMIDT; BARCA, 2009), experiência da aprendizagem histórica situada na ciência da história e nas situações concretas de aprendizagem histórica; e na disciplina relativamente autônoma à ciência da história, a *didática da história* (RÜSEN, 2001, 2007a, 2007b, 2010, 2012), entendida como ciência do ensino e aprendizagem histórica como processo de formação da consciência histórica, a tese de doutorado teve como objeto a investigação de *protonarrativas escritas por jovens alunos brasileiros e portugueses a partir das leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais*.

No caso brasileiro, a amostra dos sujeitos constituiu-se de 21 alunos de uma turma do segundo ano do ensino médio de um Curso Técnico Integrado de Saneamento do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Florianópolis, localizado no centro de Florianópolis, em março de 2012. Este trabalho circunscreve-se na linha de pesquisa em estruturação *Educação Histórica na Educação Profissional Tecnológica* que tem como sujeito de investigação

privilegiado o aluno jovem e adulto da rede federal de educação profissional e tecnológica brasileira.

Os quatro instrumentos de investigação do estudo principal da tese foram os seguintes: *Narrativas de Vida*, autobiografia dialógica dos jovens alunos a partir de uma sugestão de roteiro que visa traçar o perfil identitário da amostra de sujeitos; *Gostos Musicais & Aulas de História*, que consistiu em um questionário formado por sete perguntas aos alunos: qual o significado da música na sua vida prática? Quais são os seus gostos musicais? Você acha que a música pode ser usada em uma aula de História? Que músicas? Por quê? Para que? Como? E o instrumento em análise, a *Aula Audição*, objeto deste artigo, além do quarto, principal e último instrumento de investigação: *Protonarrativas da Canção*. Sob o espectro do terceiro instrumento do estudo principal, *Aula Audição*, é que formulamos as perguntas históricas deste trabalho: *que músicas podem ser apropriadas como fonte histórica para o ensino e aprendizagem histórica acerca do conceito substantivo Ditadura Militar Brasileira (1964-1985)? Quem escolhe a canção de trabalho: o professor ou o aluno? Há chances de consenso entre uma escolha que equilibre o gosto musical dos alunos e os interesses didáticos e epistemológicos de uma aprendizagem histórica situada?*

2. Métodos e empiria

Aula-audição é a tarefa que consiste na escolha por parte de duplas de alunos de uma música dos seus gostos musicais que, segundo a opinião deles, pode ser usada em uma aula de História. As músicas devem ser apresentadas, recepcionadas e defendidas na aula audição procurando responder as mesmas perguntas históricas formuladas pelo professor-pesquisador: “Por que usar essa música em uma aula de História?”; “Para que usar essa música em uma aula de História?”. As dez (10) canções escolhidas, ouvidas e defendidas pelos alunos brasileiros foram as seguintes por ordem de apresentação nas aulas audição dos dias 13 e 20 de março de 2012: *Para não dizer que não falei das flores*, Geraldo Vandré; *Metrô Linha 743*, Raul Seixas; *Waiting on the world to change*, John Mayer; *Geração Coca-Cola*, Legião Urbana; *Cuando los angeles lloran*, Maná; *Fábrica*, Legião Urbana; *Civil Wars*, Gun’s and Roses; *Admirável gado novo*, Zé Ramalho; *Astronauta*,

Gabriel O Pensador; e *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones*, Engenheiros do Hawai. Conforme anunciado, vamos focalizar nas duas canções selecionadas para esta análise: *Caminhando* e *Geração Coca Cola*.

De início comprovou-se qualitativamente o pressuposto pragmático de que para os jovens alunos brasileiros “música” significa *canção popular fonográfica*: totalidade constituída dos complexos da letra (forma e conteúdo), música (harmonia, melodia, ritmo e timbre), *performance* vocal e instrumental, além das dimensões técnicas, tecnológicas e mercadológicas do artefato canção.

A canção que abriu os trabalhos da aula audição foi a “canção engajada” ícone do cantor e compositor Geraldo Vandré, apresentada e defendida individualmente pelo aluno Marcos² e pela dupla de alunas Cássia e Nara, pois ambos escolheram a mesma canção. *Caminhando*, ou mais conhecida como *Pra não dizer que não falei das flores* (1968), de Geraldo Vandré, consiste em uma “canção de protesto” símbolo da resistência à ditadura militar brasileira no período 1964 a 1985. **“Por que usar essa música em uma aula de História? Para que usar essa música em uma aula de História?”**. Essas perguntas foram feitas as duplas de alunos logo após a audição das músicas escolhidas; as respostas orais dos jovens alunos foram gravadas em aparelho digital de gravação, reproduzidas, transcritas e fazem parte do acervo do pesquisador.

O jovem Marcos justificou a escolha da canção “*porque ela acalma os alunos e também incentiva, visa a fazer mudanças porque a letra fala de mudança no tempo da ditadura para a paz e apazigua os alunos e fala pra gente tomar iniciativa também (...)*”. O jovem aluno manifesta um efeito ambíguo da canção que acalma e apazigua (forma do gênero cancional) ao mesmo tempo em que incentiva o jovem a tomar iniciativa de mudança a partir das inferências à “letra” (conteúdo) que remete às mudanças no “*tempo da ditadura*”. Sintomática é a tentativa de resposta do aluno “para que” usar essa música em uma aula de história, o que evidencia o pressuposto de que parte dos jovens não distingue com clareza a diferença entre a justificativa e finalidade do uso da música em uma aula de história: “*Eu acho que eu respondi a primeira pergunta... eu respondi as duas perguntas na primeira questão, porque ela incentiva os alunos e acalma e incentiva os alunos ao mesmo tempo*”. O

² Nomes fictícios para preservar a privacidade e o anonimato dos jovens sujeitos da investigação.

professor-pesquisador: Por que usar *Caminhando* em uma aula de História? O aluno sujeito: Por que acalma e incentiva. Para que usar essa música em uma aula de História? Para acalmar e incentivar. Além da não distinção entre o *por quê* e o *para quê*, a dimensão estética emocional e uma incipiente dimensão política acabam por excluir a dimensão cognitiva potencial que remete ao conceito histórico substantivo ou *nome próprio* Ditadura Militar Brasileira. Já a aluna Cássia, justificou a escolha da canção efetivamente contando à sua maneira e provavelmente a partir de pesquisa realizada na *internet*, o célebre episódio da final do “*III Festival Internacional de Cultura (sic) em São Paulo em 1968, em que a canção de Vandrê ficou em segundo lugar, perdendo para Sabiá, de Chico Buarque e Tom Jobim, sob as vaias do público no ambiente de festival*”. Segundo a jovem, a música tem “*uma história incrível por trás, pela ditadura, ele tava dizendo que ainda havia esperança, ele comentava nas flores e que o povo devia fazer alguma coisa e o povo devia se revoltar com isso para tirar a ditadura e voltar a ser uma democracia no Brasil*”. E para concluir, a aluna justifica a escolha da música porque “*ela tem um grande significado para a ditadura que realmente o povo devia ir para as ruas fazer Diretas Já e ela teve um grande impacto*”. De fato, a jovem aluna apresentou uma *interpretação primeira* sobre a canção escolhida, um pouco confusa, provavelmente resultado da apressada pesquisa realizada para a tarefa da aula audição. Ela associa equivocadamente, mas mobiliza e remete aos períodos do auge da ditadura militar em que acontece o emblemático festival da canção de 1968, e a época da campanha das “Diretas Já” que aconteceu no ano de 1984. A segunda aluna da dupla encarregada de responder a pergunta sobre a finalidade da canção, falou de uma forma rápida, breve e inaudível na gravação realizada. O que podemos reter dessa defesa é a inferência relacionada ao conceito histórico substantivo *Ditadura Militar Brasileira*.

Já o *rock pós-punk* de *Geração Coca-Cola*, canção símbolo da geração e da banda de maior expressão da década de 1980, a Legião Urbana, foi escolhida e defendida pelas jovens alunas Laís e Adriana. Laís justificou a escolha da canção explicando que a banda é “*relativamente antiga*” e que vivenciou “*fatos importantes no Brasil*” (sem delimitar especificamente que fatos importantes são estes) que revoltaram a banda fazendo-os comporem essa canção que faz uma crítica à “*influência que outros países já tinham naquela época sobre nós e continuam tendo*”

até hoje". A defesa consistiu em explicar o processo de criação da canção no contexto de um *passado indeterminado*, que não remete ao conteúdo primeiro da canção. A música pode ser usada porque faz uma crítica à "*influência de outros países*" exercida sobre "*nós*", no passado e no presente. Já a aluna Adriana, argumentou que a finalidade da canção é "*não deixarem que os outros nos imponham o que é bom e o que devemos fazer*" o que nos remete também a uma capacidade de constituição da identidade de si em relação à alteridade do outro. Em suma, a canção escolhida pode ser usada *porque* remete à temática histórica da influência dos países estrangeiros no Brasil, cuja finalidade é não deixar que a alteridade se imponha sobre a identidade. No ponto de vista da investigação, apesar de a aluna Laís não ter em sua interpretação reportado diretamente ao *conceito histórico substantivo* que emerge potencialmente da canção, o processo de *redemocratização da sociedade brasileira* na década de 1980, ela inferiu o *conteúdo do conteúdo* da canção: *a norte-americanização do Brasil*. Sua colega, Adriana, defendeu a finalidade da canção remetendo a uma capacidade que denominamos *constituição da identidade histórica*, entendida como interpretação recíproca de sujeitos em interação social, ou através de uma relação simétrica de reconhecimento mútuo de identidade e alteridade, ou por meio de uma relação assimétrica de dominação, contradição e conflito.

Sintetizando as defesas das dez canções escolhidas pelos alunos do caso brasileiro no que se refere à pergunta sobre o "*por quê*" usar as músicas escolhidas pelas duplas em uma aula de história, segundo as narrativas orais gravadas nas aulas-audição, os jovens brasileiros procuraram justificar o uso das músicas em aulas de história predominantemente *porque* remetem, expressam e evidenciam *conceitos históricos substantivos* tais como "Ditadura Militar", "Guerra Fria", "Guerra do Vietnã", "Diretas Já"; *outras temáticas* como "III Festival Internacional da Canção" e a biografia de Chico Mendes; *categoria histórica geral* evidenciada nas categorias "guerra civil", "ditadura" e "democracia", além das relações *passado, presente e futuro*: "*Porque acho que a letra dessa música, ela não só reflete como no passado também no presente e futuro.*" Já em relação ao "*para quê*", a seu modo e linguajar, os jovens alunos brasileiros argumentaram que as finalidades dos usos da música em uma aula de história visam mobilizar capacidades além da constituição de identidades, tais como multiperspectividade, "*para ver as coisas de outro ângulo*", e empatia

histórica, “*eu acho que essa música ela ia fazer bem até sentimentalmente, o que eles sentiam na época*”. No ponto de vista desses alunos, as canções escolhidas potencializam a dimensão estético-emocional pois servem para “*apaziguar*”, “*incentivar*” e deixar a aula de história mais “*descontraída*”. Uma sétima parte da amostra expressou que a música escolhida serve para “*que os alunos entendam sobre o período da revolução industrial*”; “*para envolverem os alunos a refletirem*”; para “*fixar melhor o assunto*” e assim “*facilitar a aprendizagem*”. Além de *categorias históricas gerais* e relações passado, presente, futuro, o que evidencia a permanência de certa repetição, mistura e confusão entre o *por quê* (justificativas) e *para quê* (finalidades) usar a música escolhida em uma aula de história.

Cotejando as dez (10) canções escolhidas pelas duplas de alunos, com os *cantores, compositores e grupos* de preferência dos jovens levantados no segundo instrumento de investigação sobre *Gostos musicais & Aulas de História*, podemos constatar que somente Legião Urbana figura no quadro, entretanto, teve duas (02) canções escolhidas pelos jovens alunos brasileiros: *Geração Coca-Cola* e *Fábrica*. Tais constatações nos fundamentam empiricamente afirmar que, no caso específico brasileiro, *Geração Coca Cola* emergiu do gosto musical dos jovens alunos; o mesmo não se pode dizer em relação a *Caminhando*, apesar de ter sido a música escolhidas por três alunos, uma dupla e um aluno que fez a tarefa individualmente.

Na análise do gênero musical das músicas escolhidas pelos alunos, predominou o *rock*, com sete (07) canções escolhidas; a MPB, com duas (02) canções, além de um (01) *rap brasileiro*. Em síntese, o *rock* é o gênero musical de canção popular que os jovens alunos brasileiros da investigação mais gostam e identificam-se. Esta constatação é corroborada pelos *Gostos musicais* do segundo instrumento que aponta como gêneros musicais preferidos dos jovens alunos brasileiros em ordem decrescente de incidências o *rock, pop, rap, sertanejo, pagode* e MPB. *Geração Coca Cola* é um rock brasileiro dos anos 1980, gênero cancional de preferência dos jovens pesquisados; *Caminhando* trata-se de uma “MPB engajada”, gênero de menor preferência. Portanto, é plausível inferir que, no caso brasileiro, as canções escolhidas pelas duplas de jovens alunos advieram dos seus gostos musicais, mediadas pelo critério de seleção do ponto de vista de uma aula de história, e da subjacente cultura histórica primeira dos jovens alunos.

Dentre as canções escolhidas pelas duplas de alunos, sete (07) são *canção popular brasileira* e três (03) são *canção popular norte-americana e mexicana*. No caso brasileiro podemos observar as proporcionalidades de segmentação do mercado fonográfico em relação à música anglo-americana veiculada pelas corporações transnacionais do disco aqui instaladas: no caso da investigação, setenta por cento (70%) dos jovens escolheram música brasileira, e trinta por cento (30%) escolheram música estrangeira. Portanto, no caso brasileiro, dentre as canções escolhidas pelos jovens alunos que, na opinião deles, podem ser usadas em aulas de história, houve um predomínio absoluto de *canção popular brasileira*: *Caminhando* e *Geração Coca Cola* constituem exemplos significativos da música popular brasileira.

Ao compararmos as *narrativas escritas individuais* com as *narrativas orais em dupla* acerca das *justificativas e finalidades* dos usos da música em aulas de história, pudemos confirmar e comprovar uma relativa tendência à progressão da consciência histórica originária verificada entre as *respostas escritas individuais* do instrumento *Gostos musicais & Aulas de história*, e às respectivas e correspondentes *respostas orais em dupla* a partir da especificidade de uma música escolhida na *Aula-audição*. No primeiro instrumento, o contato indireto, abstrato e individual de um uso genérico da música em aulas de história tendeu a levar o jovem aluno a reproduzir concepções cristalizadas acerca dos usos da música no ensino arraigadas na *cultura histórica escolar tradicional* que tende a conceber a música apenas como *recurso didático e artefato estético* e a não diferenciar as justificativas e finalidades dos usos da música, fazendo com que parte da amostra tenda a repetir as mesmas respostas para perguntas diferentes. Toda esta estratégia investigativa da aula audição que consistiu em repetir o mesmo mantra após a apresentação de cada música escolhida pelos jovens alunos (**Por que usar essa música em uma aula de História? Para que usar essa música em uma aula de História?**), teve como finalidade intencional possibilitar aos alunos através do trato heurístico, didático e metódico estabelecido diretamente com a “música”, a operação de *inferência histórica*, a atribuição de significado a uma evidência histórica de algo concreto acontecido no tempo, em suma, a operação da *interpretação histórica* que transmuta a canção popular em fonte histórica subsumindo-a em *fonte canção*, ou seja, canção popular fonográfica apropriada como fonte histórica para aprendizagem histórica.

Em síntese, verificamos uma progressão tendencial da consciência histórica primeira dos jovens alunos brasileiros em decorrência das atividades e reflexões catalisadas pela aula audição. Tendência de progressão de uma concepção de música enquanto *artefato estético* e *recurso didático*, para uma concepção de música como *fonte histórica* para a aprendizagem histórica. Tendência de progressão em direção aos pressupostos teóricos da investigação delimitados como ponto de partida para essa reflexão sobre as justificativas e finalidades dos usos da música em uma aula de história. A música pode ser usada em uma aula de história *porque* pode ser apropriada como *fonte histórica* para a aprendizagem histórica, cuja finalidade última serve *para* a formação da *consciência histórica* e a constituição da *identidade histórica* de alunos jovens e adultos.

Lidas, escutadas e defendidas as dez (10) canções, procedeu-se uma votação em que cada aluno tinha a prerrogativa de escolher três (03) de sua preferência. A eleição que contou com a participação de vinte e um (21) alunos teve o seguinte resultado de votos: *Astronauta* e *Civil War* (09 cada); *Geração Coca Cola* (07); *Metrô Linha 743* e *Fábrica* (06); *Waiting on the world to change*, *Cuando los angeles lloran*, *Admirável gado novo*, *Era um garoto que como eu amava os Beatles* e *os Rolling Stones* (05); e, por fim, a menos votada e em último lugar, *Caminhando*, com apenas três (03) votos, provavelmente dos alunos que a defenderam na aula audição.

Em linhas gerais, as sete (07) canções brasileiras receberam quarenta e um (41) votos; as três (03) canções anglo-americanas receberam 19 votos; as músicas mais votadas estão diretamente relacionadas ao predomínio dos gêneros de canção popular do *rock*, com quarenta e três (43) votos; o *rap brasileiro* com nove (09) votos e a MPB com oito (08) votos. No caso brasileiro podemos observar um predomínio da música popular brasileira em detrimento da *canção pop anglo-americana*, nas escolhas dos jovens alunos em relação aos gêneros musicais. Hegemonia incontestada do *rock*, seguido do *rap* e da MPB.

Na perspectiva de análise do *jogo dos pêndulos*, que ora oscila em direção à *cultura juvenil primeira*, ora oscila no sentido da *cultura histórica escolar*, podemos verificar e corroborar que algumas músicas escolhidas se aproximaram mais do gosto musical dos alunos, mas não se adequaram tanto ao critério histórico, o que acabou por influenciar na consistência das defesas das justificativas e finalidades do uso de tais músicas em relação a determinadas concepções de aula de história dos

jovens alunos. Cotejando análises anteriores com o resultado da eleição das três mais votadas podemos verificar que as duas primeiras músicas mais votadas e empatadas com nove votos fazem parte desse bloco de músicas que tende mais à *cultura juvenil primeira*, *Astronauta*, de Gabriel O Pensador, e *Civil Wars*, do Guns and Roses. Elas podem representar a permanência da predominância da concepção da canção popular em sua função originária enquanto artefato musical vinculado às atividades de entretenimento, diversão e lazer, cuja finalidade última é a satisfação primeira, o prazer estético, a *catarse* que procura extrapolar os princípios da realidade e do poder por meio do princípio do prazer. Em contrapartida, do bloco de canções que consideramos tender mais às especificidades da *cultura histórica escolar* podemos constatar que a música classificada em segundo lugar com sete votos, *Geração Coca-Cola*, da Legião Urbana, e as músicas empatadas em terceiro lugar com seis votos, *Metrô Linha 743*, de Raul Seixas, e *Fábrica*, também da Legião Urbana, estão incluídas nesse bloco de “músicas históricas”, o que pode representar e evidenciar a progressão tendencial de uma concepção de música, não somente como *artefato estético* e *recurso didático*, mas principalmente como *fonte histórica* para a *aprendizagem histórica*.

A interpretação dos resultados da eleição das músicas mais votadas e menos votadas pelos jovens alunos, nos leva a inferir algumas considerações parciais. O processo de escolha de uma música que na opinião dos alunos pode ser usada em uma aula de história e a subsequente preparação da defesa das justificativas e finalidades dos usos da música, tais tarefas e operações mobilizaram a *consciência histórica primeira* dos jovens alunos. As *aulas audição* em que as músicas escolhidas pelas duplas foram apresentadas, ouvidas, lidas e defendidas, contribuíram decisivamente para o processo de escolha por parte dos alunos das três músicas que eles consideraram que mais se adequam em uma aula de história. E por fim, a eleição das três músicas mais votadas pelos alunos e, dentre elas, a seleção de uma por parte do professor-investigador de acordo com os objetivos da pesquisa. Enfim, toda essa estratégia investigativa e didática que, em primeira instância, não sofreu a nenhuma intervenção pedagógica “direta” por parte do professor-pesquisador, engendrou processos de ensino e aprendizagem histórica e a subjacente progressão da *consciência história primeira* dos jovens alunos a partir da vida prática juvenil e escolar.

Caminhando, de autoria do cantor e compositor ídolo dos festivais da canção televisivos da segunda metade dos anos 1960, Geraldo Vandré, considerada a canção símbolo da resistência e luta contra a ditadura militar brasileira que se estendeu de 1964 a 1985, foi a canção menos votada pelos alunos com apenas três (03) votos, muito provavelmente pelos três alunos que a defenderam. Também conhecida pelo seu segundo nome, *Pra não dizer que não falei das flores*, constitui uma das canções com maior número de incidências de referências em livros didáticos de história brasileiros analisados segundo dados da pesquisa de Chaves (2007). Constitui uma canção política de protesto contra as típicas ditaduras militares latino-americanas no contexto da Guerra Fria, configura, portanto, artefato simbólico significativo que pode ser apropriados como fonte histórica para a aprendizagem histórica. Representa uma “canção engajada” que presumidamente já faz parte da *cultura histórica escolar*, está presente nas “ilustrações” dos livros didáticos e paradidáticos, constituem objeto de pesquisas acadêmicas, se fazem presentes nos gostos e estratégias dos professores da história em situações de ensino em sala de aula. Entretanto, segundo estudos qualitativos realizados anteriormente, dados obtidos na revisão de literatura e corroborados pela presente pesquisa, *não configuram como gênero de preferência predominante dos jovens alunos investigados*, no entanto, se fazem presentes. Podem e devem ser usadas, mas não como ponto de partida, pois não se trata de um passado evocado que se faz presente no presente dos jovens alunos.

E por fim, a segunda canção mais votada pelos alunos e selecionada pelo professor-pesquisador para constituir a *canção de trabalho* do estudo principal brasileiro: *Geração Coca-Cola*, da Legião Urbana. *Geração Coca-Cola* é um *rock pós-punk* do clássico disco de estreia lançado em 1985, intitulado com o homônimo de uma das bandas de *rock* mais importantes da música popular brasileira: Legião Urbana. Banda brasiliense ícone do movimento que ficou conhecido como o *rock nacional dos anos 1980*, a Legião Urbana foi recorrentemente citada dentre os cantores, compositores e grupos favoritos dos jovens alunos investigados em estudos anteriores. No estudo piloto *Aprendi a pensar que música também é história*, o nome do grupo apareceu nas preferências dos jovens alunos do ensino médio de uma escola em Curitiba, Paraná, e dois alunos/professores estagiários do curso de História escolheram juntamente com os seus respectivos alunos, a canção

Índios, de autoria do líder da banda, o músico, cantor e compositor Renato Russo. Na aplicação piloto do estudo principal no IFSC, câmpus São José, Santa Catarina, a Legião Urbana apareceu nos gostos musicais dos jovens alunos; a canção *Que país é este* foi escolhida, apresentada e defendida por um jovem aluno na aula audição; ficou dentre as três (03) mais votadas, e foi selecionada pelo professor-investigador como canção de trabalho da pesquisa piloto. E no estudo principal da tese, a banda apareceu no quadro dos gostos musicais dos jovens alunos; duas duplas escolheram duas músicas diferentes da Legião Urbana, *Geração Coca-Cola* e *Fábrica*; e ficaram respectivamente entre a segunda e a terceira canção mais votada pelos jovens alunos brasileiros. *Geração Coca-Cola*, pelo significado da canção no disco de estreia daquela que se tornaria a principal banda do chamado *Rock Brasil*, passou a nomear a geração que foi jovem na década de 1980 no Brasil e que compôs a trilha sonora e participou ativamente do processo de redemocratização da sociedade brasileira que deságua na atualidade do Brasil contemporâneo.

3. Formas e resultados

Em síntese, a *canção popular* apropriada como fonte histórica; transmutada pela inferência em *fonte canção* que tematiza “história” em suas perspectivas conceitual e categorial; a seleção da fonte canção em função da formulação da pergunta histórica que se pretenda responder; toda essa estratégia metodológica resulta na delimitação da *canção de trabalho*. A seleção da *canção de trabalho* constitui o ponto de partida e de chegada de um processo de ensino e aprendizagem histórica que não está subordinado a nenhum conteúdo histórico pré-determinado pelo currículo histórico escolar, ou gênero musical, cantor e grupo de preferência do professor, ou mesmo por se fazer presente como “ilustração” nos livros didáticos de história. Ao contrário, o conceito histórico substantivo, a categoria histórica epistemológica, ou ainda, a categoria histórica geral a ser trabalhada na aula de história emerge da categorização, tabulação e interpretação histórica das *protonarrativas* de uma canção de trabalho advinda dos gostos musicais dos alunos, e do subsequente recorte temático estabelecido pelo professor de história, com vistas à constituição da *consciência histórica originária* e da *identidade histórica primeira* dos jovens alunos em situação de ensino e aprendizagem histórica.

Todavia, em uma perspectiva mais atrelada ao desenvolvimento linear do conteúdo histórico do currículo escolarizado, trata-se de um trabalho com fonte histórica que invariavelmente remete a conceitos históricos e categorias históricas. A aula audição pode fazer com que os jovens alunos tragam para sala de aula músicas que na opinião deles podem ser usadas em aulas de história, e que, inexoravelmente remeterão a uma diversidade de conceitos, matérias e temáticas históricas que poderão ser “encaixadas” no desenvolvimento do conteúdo histórico planejado a partir do currículo escolar. Entretanto, em uma primeira análise no caso do Brasil, não há nada nos parâmetros e diretrizes curriculares nacionais que diga que o conteúdo histórico escolarizado tenha que ser desenvolvido como tradicionalmente o é a partir do insuperável modelo Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea, ou no caso da História do Brasil, Pré-História, Colônia, Império e República. Apesar de que o ser humano tem as suas carências, interesses e obsessões em saber sobre a gênese, estrutura e dinâmica da história humana; obsessão em “saber como tudo começou e evoluiu até os dias de hoje”; carência em se orientar em uma narrativa mestra que vai e volta do homem das cavernas ao homem contemporâneo. Interesse cognitivo que tece o fio condutor da constituição histórica de sentido que interliga o espaço de experiência do passado com o horizonte de expectativas do futuro.

O trabalho com a canção popular no ensino e aprendizagem histórica pretende rasgar essa camisa de força da lógica incorrigível do “ensino tradicional de história” e intenciona contrapor a instrumentalização das dimensões cognitivas e políticas da cultura histórica escolar, com a liberdade lúdica e utópica que transcende as condições e circunstâncias dadas, e reivindica o espaço próprio e originário da vontade de beleza da arte na constituição de sentido da razão histórica. Leiamos as protonarrativas escritas por jovens alunos brasileiros a partir das leituras e escutas de *Geração Coca Cola* procurando responder a pergunta histórica: **Que ideias de passado, presente e futuro são expressas na canção?**

GERAÇÃO COCA-COLA (1985) ³

³ Para fins de “ilustração”, reproduzimos a letra da música ressaltando que canção é *letra & música* que chega como um todo aos ouvidos, pele, músculos, ossos e sistema nervoso, enfim, age sobre o corpo de um leitor-ouvinte e é desta forma que deve ser recepcionada. Sugere-se que o leitor ouça *Geração Coca-Cola*.

Renato Russo

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês nos empurraram
Com enlatados dos USA., de 9 às 6
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola
Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?
Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis.

Selecionamos dois excertos dos enunciados linguísticos da consciência histórica originária dos jovens alunos expressa por meio das primeiras atribuições de significado das *protonarrativas da canção*:

No passado, o Brasil foi fortemente influenciado pela Revolução Industrial e, como consequência disso, tornou-se ainda mais capitalista [...]. Na música, o autor fala “somos os filhos da revolução” pois aquela geração passou a se voltar contra o sistema imposto à eles e clamar por mudanças. Época da ditadura, diretas já, luta pelo direito ao voto, direito a poder decidir quem governaria o sistema, ou seja, decidiria suas vidas e as vidas das gerações futuras. (Ricardo, 17 anos)

Somos o reflexo daquilo que vemos e ouvimos diariamente, mudamos de opiniões e ideias às vezes só porque a maioria acredita em alguma coisa... A música se expressa de uma forma bem clara; de acabarmos com essa manipulação diária; vamos inverter os papéis e fazer com que cada pessoa tenha senso crítico próprio, sem influências da mídia etc. Sejam revolucionários e lutemos pelo que acreditamos. Como a própria música já diz não seremos controlados como éramos em tempos atrás, não seremos lembranças esquecidas; conscientizaremos o presente e mudaremos o futuro. (Ana, 16 anos)

4. Funções e considerações

Aula Audição é a tarefa que consiste na escolha por parte dos alunos de uma música dos seus gostos musicais que pode ser usada em uma aula de História. As músicas podem ser reproduzidas, recepcionadas e defendidas na aula audição procurando responder as perguntas históricas formuladas pelo professor-pesquisador: “Por que usar essa música em uma aula de História?”; “Para que usar

essa música em uma aula de História?”. Tendencialmente as escolhas dos jovens alunos corroboram o pressuposto pragmático de que quando o jovem é solicitado a escolher uma música do seu gosto musical que pode ser relacionada à história ele escolhe especificamente à forma *canção popular fonográfica*: letra e música mediatizada. O contato indireto, abstrato e individual de um uso genérico da música em aulas de história tende a levar o jovem aluno a reproduzir concepções acerca dos usos da música no ensino arraigadas na cultura histórica escolar tradicional que tende a conceber a música somente como *artefato estético* e *recurso didático*. Ao não diferenciar as justificativas e finalidades dos seus usos no ensino de história, a perspectiva tradicional não alcança a inferência crítica que transmuta a música em fonte para a aprendizagem histórica como processo de formação da consciência histórica e da subjacente identidade histórica.

As tarefas da aula audição têm como intencionalidade consciente possibilitar aos alunos através do trato heurístico, didático e metódico estabelecidos diretamente com a música, a operação da *inferência histórica* que transmuta a canção popular em fonte histórica subsumindo-a em *fonte canção*, letra e música mediatizada que tematiza “história” em seus múltiplos significados: existência, consciência e linguagem. Os pressupostos estéticos, didáticos e históricos implícitos à aula audição, *uma música do gosto musical dos alunos que pode ser usada em uma aula de história*, podem mobilizar uma progressão tendencial da consciência histórica primeira dos jovens alunos no sentido de uma concepção de música enquanto *artefato estético* e *recurso didático*, para uma concepção de música como *fonte histórica* para a aprendizagem da consciência histórica. Tendência de progressão em direção aos pressupostos teóricos da investigação delimitados como ponto de partida e de chegada para essa reflexão sobre as justificativas e finalidades dos usos da música em uma aula de história: a música pode ser usada em uma aula de história *porque* constitui uma fonte histórica potencial para o ensino e aprendizagem histórica e pode ser interpretada *para* a finalidade de formação da consciência histórica e constituição da identidade histórica de alunos jovens e adultos.

Em relação ao processo de votação e escolha por parte dos alunos da fonte canção a ser apropriada como canção de trabalho, a oscilação das canções que tendem mais para o polo da cultura histórica escolar, do que para o polo da cultura

juvenil primeira, possibilitaram defesas mais consistentes das justificativas e finalidades de seus respectivos usos em uma aula de história na perspectiva de uma cultura histórica escolar tradicional. Estas defesas provavelmente influenciaram no processo de escolha por parte dos alunos das três canções de trabalho mais votadas, mas o polo da cultura juvenil primeira sempre se fez presente na oscilação do pêndulo.

A aula audição gerou intrinsecamente, antes de uma efetiva intervenção pedagógica do professor, processos de ensino e aprendizagem histórica e da subjacente progressão da consciência história primeira dos jovens alunos a partir da vida prática cotidiana, juvenil e escolar. A mediação do professor-pesquisador na seleção da canção de trabalho dentre as mais votadas pelos alunos depende das potencialidades didáticas vislumbradas nas canções escolhidas pelos jovens; da pergunta histórica que pretenda formular a fonte canção; dos conceitos históricos substantivos, categorias históricas epistemológicas, categorias históricas gerais e as subjacentes competências, temporalidades e dimensões da consciência histórica que ambicione mobilizar nos jovens alunos em situação de aprendizagem.

A escolha da canção de trabalho não cabe exclusivamente nem ao professor e nem ao aluno, mas a ambos no percurso da estratégia investigativa, metodológica e didática da *Aula Audição*. *Geração Coca Cola* e *Caminhando* constituem exemplos de canção popular brasileira que podem ser apropriadas como fontes históricas e transmutadas em *fonte canção* e *canção de trabalho* em situações e processos de ensino e aprendizagem histórica do conceito substantivo *Ditadura Militar Brasileira*. Entretanto, cabe ressaltar no caso da investigação, *Geração Coca-Cola* foi a segunda canção mais votada pela amostra de alunos; *Caminhando* foi a menos votada com apenas três votos prováveis dos alunos que a defenderam. As duas canções podem delimitar marcos temporais de uma periodização que vai do golpe militar de 1964, passa pelo auge do recrudescimento da ditadura militar em 1968, até desembocar no processo de redemocratização representado pelas *Diretas Já* e a subsequente eleição do primeiro presidente civil em 1985, ano de lançamento de *Geração Coca-Cola*. Entretanto, o ponto de partida deve ser o *passado presente* no presente dos alunos como foi em *Geração Coca Cola*, para que posteriormente em um segundo momento, mesmo que isto inverta uma determinada sequência cronológica, dinamize o *presente passado* que consiste no

movimento de retorno do presente para o passado que a canção *Caminhando* expressa e mobiliza. O ponto de partida é o *passado presente* no presente dos sujeitos da aprendizagem que gostam de *Geração Coca-Cola*, para em um segundo momento almejar o *presente passado* e seu movimento de retorno do presente para o passado, que torna o presente em passado como acontece em *Caminhando*. *Caminhando* faz parte da cultura histórica escolar tradicional de professores e livros didáticos, mas não configura uma canção-gênero de preferência dos jovens alunos investigados. *Geração Coca-Cola* faz parte da cultura juvenil primeira, mas oscila, dialoga e sintetiza-se com a cultura histórica escolar como uma música que pode ser usada em uma aula de história sobre Ditadura Militar Brasileira. Mas afinal, por que usar *Geração Coca-Cola* em uma aula de História? Para que usar *Geração Coca-Cola* em uma aula de História?

A principal justificativa da seleção de *Geração Coca-Cola* como *canção de trabalho* do estudo principal do caso brasileiro, é que ela ficou entre as três canções mais votadas pelos alunos e se adequa perfeitamente aos objetivos da investigação. A fonte canção faz parte do gosto musical dos jovens alunos investigados. Ela pode ser usada em uma aula de história *porque* configura evidência potencial, ou seja, pode ser apropriada como fonte histórica para o ensino e aprendizagem em História. Na qualidade inferida de fonte histórica, a canção de trabalho evoca, expressa e comunica *conceitos* históricos substantivos como *ditadura militar brasileira, norte-americanização e redemocratização*; mobiliza em si categorias históricas epistemológicas tais como fonte, narrativa e consciência históricas; evidencia *categorias históricas gerais* como *revolução, burguesia e nação*. Todas estas operações, inferências e interpretações são constitutivas da finalidade última do *para* que usar *Geração Coca-Cola* em uma aula de história: a constituição, formação e progressão da consciência histórica e da subjacente identidade histórica dos jovens alunos da educação profissional tecnológica.

Consciência histórica é a competência cognitiva, estética e política de interpretação e orientação da experiência humana no tempo. Identidade histórica é a interpretação recíproca de sujeitos em interação social com vistas ao reconhecimento mútuo e recíproco entre identidade e alteridade. Nessa perspectiva, a leitura, escuta, fala e escritura de protonarrativas da canção *Geração*

Coca-Cola pode constituir um ponto de partida significativo para o planejamento e efetivação de aulas de história sobre *Ditadura Militar Brasileira*, a partir de um trabalho metódico de leitura histórica de fontes e historiografias multiperspectivadas que mobilizem as competências, dimensões e temporalidades da consciência histórica e da subjacente identidade histórica de jovens alunos.

Referências Bibliográficas

AZAMBUJA, L. *Leitura, Canção e História: Mundo Livre s/a contra o Império do Mal*. Florianópolis, 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. “Fado Tropical”; protonarrativas de jovens alunos brasileiros e portugueses escritas a partir das leituras e escutas de uma “canção engajada”. In: Marlene Cainelli; Maria Auxiliadora Schmidt. (org.). *Educação histórica: teoria e pesquisa*. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011, v. 1, p.227-246.

_____. *Jovens alunos e aprendizagem histórica: perspectivas a partir da canção popular*. Curitiba, 2013. 500f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

AZAMBUJA, L. SCHMIDT, M. A. “Aprendi a pensar que música também é história”: perspectivas da Educação Histórica. In BARCA, I. (Org.). *Educação e Consciência Histórica na Era da Globalização*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2011, p. 202-222.

CHAVES, E. A. *A música caipira em aulas de história: questões e possibilidades*. Curitiba, Brasil, 2006. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

KOSELLECK, R. *Futuro pasado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

RÜSEN, J. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Reconstrução do passado. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica*. Trad. Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. *História viva. Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. (Org.) SCHMIDT, M. A., BARCA, I.; MARTINS, E. R. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

____. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Trad. Peter Horst Rautmann, Caio da Costa Pereira, Daniel Martineschen, Sibeles Paulino. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SCHMIDT, M. A., BARCA, I. (org.). *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijui, 2009.